



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

24 e 25 de junho de 2023

“MOVIMENTO QUE CONVOCOU ATOS TEM ORIGENS EM SC”

Movimento que convocou atos tem origens em SC / Jornadas de junho de 2013 / Victor Khaled / Marcelo Pomar / Movimento Passe Livre / MPL / Revolta da Catraca / Transporte público / Tarifa zero / Professor / Julian Borba / UFSC

PASSE LIVRE

Dez anos depois, lideranças avaliam o movimento que gerou protestos pelo país
PÁGINAS 6 e 7



MOVIMENTO QUE CONVOCOU ATOS TEM **ORIGENS EM SC**

Movimento Passe Livre (MPL), grupo que convocou os primeiros atos contra o aumento na tarifa em São Paulo e que se tornou protagonista das jornadas de junho de 2013 no país, tem origens ligadas a Florianópolis

JEAN LAURINDO
jean.laurindo@nsc.com.br

Os protestos de junho de 2013, que representaram um marco inicial para uma série de mudanças políticas no país, completam 10 anos neste mês. As manifestações que começaram com atos contra o aumento de R\$ 0,20 nas passagens de ônibus em São Paulo se espalharam a partir de 17 de junho daquele ano por outras capitais, incluindo Florianópolis. Os atos frearam reajustes, renderam imagens históricas, mas também ganharam pautas difusas e influenciaram em novos contextos políticos nos anos seguintes.

O que menos pessoas sabem, no entanto, é que o Movimento Passe Livre (MPL), grupo que convocou os primeiros atos contra o aumento na tarifa em São Paulo e que se tornou protagonista das jornadas de junho no país, tem origens ligadas a Florianópolis. Duas ondas de protestos contra reajustes na passagem de ônibus na Capital de SC, em 2004 e 2005, ficaram conhecidas como a Revolta da Catraca e são consideradas o estopim para o surgimento do MPL no país.

O MPL foi fundado oficialmente em uma plenária do Fórum Social Mundial em Porto Alegre (RS), em 2005. Dois episódios de anos anteriores, no entanto, mobilizaram capitais brasileiras e criaram o ambiente favorável que desaguou na criação do coleti-

vo. O primeiro caso ficou conhecido como Revolta do Buzu, entre setembro e outubro de 2003. Na ocasião, estudantes e manifestantes fecharam avenidas de Salvador, na Bahia, para protestar contra o aumento da tarifa de ônibus.

Nos dois anos seguintes, 2004 e 2005, movimentos semelhantes ocorreram em Florianópolis. Manifestantes fecharam ruas e as pontes da Ilha de SC em protesto contra os reajustes nas passagens do transporte coletivo. Os levantes ficaram conhecidos como a Revolta da Catraca.

Em junho de 2004, durante a gestão da prefeita Ângela Amin, uma mobilização de estudantes e usuários de ônibus protestou contra um reajuste de 15,6% na tarifa. Após 10 dias de manifestações, o município revogou o aumento. Vereadores aprovaram um projeto que liberava o chamado passe livre estudantil, dando gratuidade nos ônibus para estudantes. Em novembro daquele ano, a lei foi suspensa e, mais tarde, declarada inconstitucional pela Justiça.

ESTOPIM PARA O MPL

No fim de maio de 2005, uma nova onda de protestos teve início após um reajuste de 8,8% nas tarifas, desta vez já na gestão do prefeito Dário Berger. Movimentos de servidores municipais, motoristas e cobradores também se juntaram às manifestações para reivindicar melhores salários e condi-

ções de trabalho. A Câmara de Vereadores chegou a ser alvo de tentativa de invasões. Após três semanas de protestos, a prefeitura recuou o aumento.

O historiador Marcelo Pomar foi um dos principais nomes dos protestos de 2004 e 2005 em Florianópolis. Preso duas vezes após os atos, ele afirma que o fato de a Revolta da Catraca em SC ter conseguido reverter os reajustes deu força ao ambiente que influenciou na criação do MPL.

Aquelas manifestações foram para o Brasil o estopim do Movimento Passe Livre. Ele surge a partir da Revolta das Catracas, em 2004 e 2005, sobretudo porque elas foram vitoriosas. Nas duas ocasiões, elas reduziram o preço das tarifas, o que parecia algo incrível. Fazer com que o poder público sentisse necessidade de dar uma resposta política – afirma.

A partir da criação do Movimento Passe Livre no país, em 2005, o debate alcançou uma nova dimensão, e ganhou força o debate sobre a chamada “tarifa zero”. Segundo os defensores da tese, ela seria capaz de garantir à população das periferias acesso às conquistas da cidade, como espaços de cultura e lazer.

– É uma interpretação do transporte como se interpreta, por exemplo, a saúde e a educação, como interesse público. Esse é um debate que a gente estava propondo naquela época e que parecia de outro mundo, mas hoje é uma coisa mais aceita – conta.

A partir da criação do Movimento Passe Livre no país, em 2005, o debate alcançou uma nova dimensão, e ganhou força o debate sobre a chamada “tarifa zero”.

Os protestos de 2013

Se as manifestações de 2004 e 2005 são lembradas pelo historiador como triunfos na busca por um transporte mais acessível, as chamadas jornadas de junho de 2013 são consideradas um período de derrota nas ruas. Ele considera que o movimento nasceu como uma revolta de estudantes contra a alta nas tarifas, mas que teria havido uma “apropriação” por outros segmentos sociais mais organizados.

A difusão de pautas à medida que as manifestações ocorriam foi uma das marcas dos atos de junho de 2013. Cartazes contra o valor das passagens começaram a dividir as ruas com mensagens sobre gastos para a Copa do Mundo de 2014, cobrando serviços públicos “padrão Fifa” ou com frases de humor que viralizavam na internet em uma era pré-memes.

Junto a isso, ganharam espaço bandeiras e camisetas do Brasil, estética que ocupou as ruas com estridência nos anos seguintes. A mudança de curso nas reivindicações dos protestos de junho foi algo sentido na ocasião por militantes como Pomar.

Os protestos de junho de 2013 são com frequência relacionados às mudanças políticas que ocorreram nos anos seguintes, incluindo o impeachment da presidente Dilma Rousseff e a ascensão da extrema direita. O cientista político e social e professor da UFSC, Julian Borba, pondera que as manifestações não são a única explicação para esses fenômenos que vieram em sequência, mas admite que há uma mudança nas características dos atos de 2013.

— É como se a agenda que dá origem aos primeiros atos fosse sendo substituída, ou a ela fossem sendo incorporados outros públicos. Essa é a grande questão: quem inicia nos atos de 2013 não é quem termina. Muda-se completamente o perfil dos participantes, isso está bem documentado — avalia.



Semente do “passe livre”

O historiador Marcelo Pomar considera os protestos de 2013 positivos por terem tornado o debate sobre a tarifa zero algo mais natural para a população. Hoje professor de xadrez, ele ainda acompanha a política e participa de discussões sobre transporte público. Considera projetos como o de Garopaba, cidade do Litoral Sul que recentemente iniciou um modelo de gratuidade total nos ônibus municipais, e até mesmo o domingo na faixa, da prefeitura de Florianópolis, como consequências surgidas a partir de junho de 2013:

— Isso é uma conquista, um reflexo de um debate que foi feito, e mais do que tudo, uma demonstração de que é possível.

O MPL HOJE

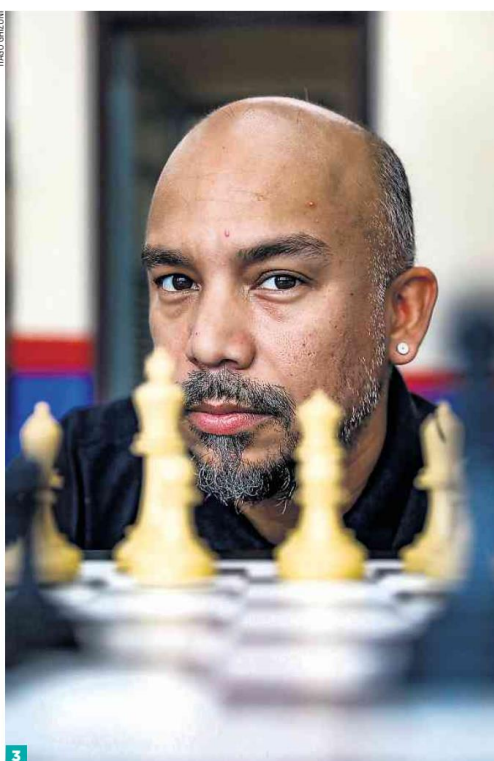
Dez anos após os protestos de junho de 2013, o Movimento Passe Livre (MPL) não possui mais grupo mobilizado em Florianópolis – há apenas um coletivo em Joinville. O geógrafo e ex-militante do MPL em SC, Victor Khaled, reconhece que houve queda no número de militantes e presença nas cidades e atribui isso à concorrência com outras pautas políticas e à entrada de outros atores na defesa da tarifa zero. Apesar disso, defende que a ideia do movimento aparece como vitoriosa uma década depois.

Provas disso seria o número maior de prefeituras adotando ou estudando o modelo de tarifa zero e o debate sobre a criação de um Sistema Único de Mobilidade, semelhante ao que é o SUS na saúde.

Dez anos depois, a pauta também se moderniza. Uma novidade defendida a partir deste ano pelo MPL é a Coalizão Triplo Zero, campanha em parceria com outros grupos que agrega à tarifa gratuita a meta de zerar as emissões de carbono e as mortes no trânsito.

— Dez anos depois, a gente tem que reconhecer o quanto aquelas mobilizações impulsionaram e colocaram a pauta da tarifa zero na ordem do dia – avalia.

**O colunista Renato Igor está em férias e volta a escrever neste espaço na edição de 1º de julho.*



1 Protestos contra alta da tarifa em Florianópolis em 2005 (foto) criaram ambiente favorável à formação do MPL

2 Revolta da Catraca, em 2005, foi um dos eventos que inspirou início do Movimento Passe Livre

3 Hoje professor de xadrez, Marcelo Pomar participou de atos contra reajuste na tarifa que inspiraram o MPL



Accesse outros conteúdos em nscototal.com.br

Notícias do Dia

Capa e Memória

"Agente e testemunha do progresso de Santa Catarina há mais de 60 anos"
Agente e testemunha do progresso de Santa Catarina há mais de 60 anos /
Wilmar Dallanhol / Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais / DCE / Diretório
Central de Estudantes / Professor de Economia / RU / Restaurante Universitário /
Casa do Estudante / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina



MEMÓRIA CATARINENSE

Um político que sempre respeitou os adversários

PÁGINAS 22 E 23

Aos 82 anos, Wilmar Dallanhol é testemunha da história

LEO MUNHOZ/ND

Agente e testemunha do progresso de Santa Catarina há mais de 60 anos

Paulo Clóvis Schmitz

Especial para o ND

Natural de Videira, 82 anos, o ex-professor, deputado e funcionário público Wilmar Dallanhol exibe um vasto currículo de serviços prestados a Santa Catarina. Foi diretor financeiro da Celesc (Centrais Elétricas de Santa Catarina) aos 22 anos. Bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) em 1963, presidiu o DCE (Diretório Central de Estudantes) e a Federação Catarinense de Estudantes. Depois de formado, lecionou economia na UFSC, onde foi professor do senador Esperidião Amin e do ex-deputado Miguel Ximenes, entre outros políticos.

Atuou como assessor técnico do governo do Estado entre 1962 e 1970, representou o Estado junto ao Codesul (Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul) e exerceu a função de assistente técnico no Badesc (Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina). Foi deputado federal em duas legislaturas (1971-1974 e 1975-1978). Também lecionou na Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina) e presidiu a Eletrosul (Centrais Elétricas do Sul do Brasil). Foi conselheiro e presidente do TCE-SC (Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina), onde se aposentou em 1985. Publicou os livros "Integração do Oeste Catarinense" (1960), "A Indústria Catarinense e seu Financiamento" (1962), "Programação Regional" (1964), "Financiamento do Desenvolvimento" (tese, 1965), "Introdução à Economia" (1966), além de artigos, discursos e projetos técnico-econômicos. Casado com Olga Maria Broering (que morreu em maio passado) durante 57 anos, tem duas filhas e três netos.



Wilmar Dallanhol tem 82 anos de idade e mora em Florianópolis há décadas, onde exerceu diversos cargos públicos; ele também foi um dos fundadores do Arena, em 1979

Ainda muito jovem, o sr. exerceu vários cargos públicos e quando entrou na política foi direto para a Câmara dos Deputados, sem ter sido vereador ou passar pela Assembleia Legislativa. Fale um pouco de sua carreira.

Comecei a estudar em Videira, depois fui para Porto União e mais tarde me transferi para Florianópolis. Aos 22 anos, já era diretor da Celesc, empresa onde permaneci durante quase nove anos. Em 1970, me candidatei a deputado federal e tive votos em todos os municípios de Santa Catarina. Naquele tempo, não havia propaganda em televisão, mas fui um dos seis mais votados na eleição para a Câmara, com menos de 30 anos de idade.

Na Câmara dos Deputados, fui presidente de várias comissões, entre elas as de Minas e Energia,

Economia, Desenvolvimento da Região Sul e Trabalho e Legislação Social. Fiz parte da comissão que criou a Itaipu Binacional e ali defendi, pensando no potencial de crescimento de Santa Catarina, maior participação do Estado da divisão da energia a ser gerada pela usina.

Antes disso, havia feito concurso para professor de economia na Faculdade de Direito, depois trabalhei na Faculdade de Educação e mais tarde lectionei economia política também no curso de direito. Já era diferente do começo da carreira, quando dava aulas para sobreviver, em cursos preparatórios para o acesso à universidade. Depois, na Celesc, conciliava as aulas com o trabalho intensivo, mas era jovem e aguentava jornadas longas e extenuantes de trabalho.

O sr. atuou na política estudantil e quase simultaneamente passou a trabalhar em órgãos de governo. Foi uma transição bastante rápida...

Na política estudantil, lembro de ter feito parte da chamada Terceira Força, que surgiu como alternativa a dois grupos que vinham se

confrontando até então. Vencemos nos diretórios de todos os centros acadêmicos. Era a virada dos anos 1950 para 1960, e mantivemos um jornal que circulava na universidade, criamos o RU (Restaurante Universitário) e a Casa do Estudante. De fato, comecei muito cedo



Celso Ramos mudou completamente o Estado. Foi por meio dele que fui para a Celesc, então a maior empresa de Santa Catarina."

Wilmar Dallanhol,
ex-deputado federal

a vida profissional. Sou o único sobrevivente da equipe de diretores que criou o BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul). Também atuei no Codesul, representando Santa Catarina quando apenas o governador do Estado e mais uma pessoa tinham assento nas reuniões. Era o governo de Celso Ramos, e o grande professor, advogado e economista Alcides Abreu era o nosso mentor.

Celso Ramos promoveu uma verdadeira revolução em todos os setores em Santa Catarina. Como foi ter participado daquela gestão?

Celso Ramos mudou completamente o Estado. Foi por meio dele que fui para a Celes, então a maior empresa de Santa Catarina. Quando estava lá, fui um dos indicados para fazer um curso sobre desenvolvimento na ONU (Organização das Nações Unidas), onde fiquei em primeiro lugar entre os alunos. Eu pertencia ao grupo de liberais que defendia a descentralização da economia, em contraponto com o grupo que pregava uma economia centralizada, com base nas estatais.

Na política, meu vínculo era com o PSD (Partido Social Democrático), que foi extinto no bipartidarismo, em 1979, dando origem à Arena (Aliança Renovadora Nacional) e ao MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Fui um dos fundadores da Arena, que continuou ativa até a lei que permitiu a criação de novos partidos. Depois, ajudei a fundar o PFL (Partido da Frente Liberal), agremiação que presidi durante seis anos em Santa Catarina.

A partir de Celso Ramos, o Estado teve um crescimento extraordinário. A Celes, que atendia 22 municípios, passou para 169 quando eu saí – o que significa que 90% das cidades já eram alcançadas pela energia, com ênfase

nos investimentos em eletrificação rural. O governo dele também foi muito bom para o saneamento e para a educação, em todos os níveis.

Tenho orgulho de ter participado daquele governo. O grupo comandado por Alcides Abreu tinha cerca de 15 pessoas de diferentes áreas e setores, porque o governador abriu a participação para gente nova e empresários que até então nunca tinham encontrado espaço dentro da estrutura governamental.

Também sou um dos poucos remanescentes do Besc (Banco do Estado de Santa Catarina), que ajudei a fundar. Fui o funcionário número seis do banco, e ali permaneci até voltar de Brasília para assumir meu cargo no Tribunal de Contas do Estado.

Com sua larga experiência, o sr. costuma ser procurado por políticos mais jovens para dar conselhos e consultoria?

Tenho muitos contatos, felizmente, mas não sou nenhum guru de políticos. Há uma diferença muito grande no modo de fazer política, comparando o meu tempo com os dias atuais. Digo para as pessoas que elas não deveriam pedir a volta do regime militar, porque não conheceram a gravidade da situação durante aquele período. A grande exceção foi o presidente Ernesto Geisel, que deu início à reabertura política. Por outro lado, João Batista Figueiredo foi terrivelmente ruim para o país. De 1980 para cá, sabe-se como entrar na política, mas não se sabe como sair. Hoje, há um caos muito grande na política. Todos os governos, incluindo os militares, tiveram corrupção, uns mais, outros menos.

Quer dizer que o modus operandi da política mudou muito desde então? Quem, no meio político, são os seus modelos?



Sempre tive um excelente relacionamento com meus eleitores. Há alguns segredos da boa política, e um deles é manter o respeito aos adversários.”

Wilmar Dallanhol, ex-deputado federal

Sim, o voto era dado pelo conhecimento e pela campanha do candidato, e nunca por dinheiro. Parei de concorrer quando o dinheiro passou a pesar demais nas campanhas. Esses exageros fizeram muitas pessoas de objetivos nobres deixarem a política. Como candidato ao Senado, fui o mais votado em 169 dos 196 municípios de Santa Catarina. Perdi por cerca de 9.000 votos para Jaison Barreto.

Entre os grandes políticos com quem convivi estão Aureliano Chaves e Tancredo Neves – este, um homem afável e cordial. Acredito que o Brasil seria outro se ele tivesse sido presidente da República.

Como vê o momento político atual no Brasil? E o que fazer para reduzir as desigualdades e melhorar a qualidade de vida da população?

Temos muito a evoluir na política. A radicalização da última campanha presidencial foi absurda. Todos ficamos penalizados com o que aconteceu. Foi uma fase predatória, que gerou muitos desgastes. Tivemos surpresas desagradáveis nas redes sociais. E o pior é que não sabemos onde isso vai parar.

O Brasil só vai reduzir seus problemas sociais com mais empregos, o que vai gerar mais ganhos, com a reforma tributária, com tributos incidindo sobre a renda, e com mais oportunidades

para todo mundo. Também precisamos de adequações no ensino e do controle da inflação.

O sr. conheceu muitos países, mesmo com algumas dificuldades de locomoção. Que lugares foram mais marcantes?

Já fiz mais de 100 viagens pelo mundo, a maioria a trabalho. Gostei muito de conhecer a China, o Canadá e a Austrália. Tenho um problema físico decorrente de uma poliomielite na infância. Até os 14 anos, caminhava me apoiando numa perna, e depois passei a usar bengalas. Hoje, utilizo uma cadeira de rodas para me locomover. Nada disso me impediu de conhecer o mundo. Como turista, viajava por conta, sem agências, e sempre programei muito bem meus deslocamentos. Cheguei a dirigir em cidades como Nova Iorque, Paris, Roma e Amsterdam.

Se pudesse voltar à política, a que daria prioridade?

Faria de novo o que realizei na carreira. Lembro das campanhas e dos amigos que fiz na minha região e arredores, em Concórdia, Joaçaba, Capinzal, Videira e Mafra, no Planalto Norte. Sempre tive um excelente relacionamento com meus eleitores. Há alguns segredos da boa política, e um deles é manter o respeito aos adversários.



Wilmar e Olga Maria Broering foram casados por 57 anos; ela morreu no mês passado



Dallanhol iniciou a carreira no serviço público aos 22 anos, quando foi diretor da Celes; ele também exerceu o cargo de deputado federal

ARQUIVO PESSOAL/IMPRESSA WILMAR

Notícias do Dia

Especial

“Como o sol e a lua estão presentes na obra do ícone literário Franklin Cascaes”
Como o sol e a lua estão presentes na obra do ícone literário Franklin Cascaes /
Francisco do Vale Pereira / Gelci José Coelho / Peninha / NEA / Núcleo de
Estudos Açorianos / Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral
/ UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Como o *sol e a lua* estão presentes na obra do ícone literário *Franklin Cascaes*

Historiador do Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina, Francisco do Vale Pereira, analisa a relação do artista com os elementos da natureza e a magia de Florianópolis

Windson Prado
windson.prado@ndtv.com.br

Bastam alguns minutos andando por Florianópolis, indo em uma das dezenas de nossas praias, parques ou até mesmo assistindo ao pôr do sol, ou nascer da lua, para você entender o porquê desta terra ser chamada de Ilha da Magia. Neste caso, nem falaremos especificamente das lendas que também emocionam e fazem parte da história da Capital, mas das belezas naturais que envolvem nossa gente. Foram estes encantos que inspiraram um dos mais importantes artistas de Floripa, Franklin Cascaes.

Ícone literário, com grande expressão também nas áreas de pesquisa, sobretudo da cultura açoriana, o manezinho, nascido na Praia do Itaguaçu, em 1908, adorava retratar o cotidiano da cidade. Em muitos dos seus artigos e contos, tinha o sol e a lua como destaque. É o que conta o coordenador do NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), o historiador Francisco do Vale Pereira. “O Sol e a Lua, mais precisamente o satélite natural da Terra, sempre foi uma grande inspiração para Franklin Cascaes. Isto porque os ciclos destes astros estão relacionados aos costumes dos povos que ele retratava, seja para acompanhar a safra da tainha, o plantio e cultivo de um produto, o peixe estalado — que tem que ser colocado no sol e no sereno — e também das lendas. Quem nunca ouviu falar das bruxas da Ilha? Sempre havia uma lua nestas histórias”, destaca Pereira.

DISCÍPULO DE CASCAES

Francisco chegou a conhecer e conviver com Franklin Cascaes, mas foi ao lado do amigo Gelci José Coelho, o Peninha, que teve muito mais acesso aos trabalhos de Cascaes. “Peninha — que faleceu em 16 de março de 2023 — foi um grande entusiasta das obras de Cascaes. Eles eram bem amigos, trabalhavam juntos nas pesquisas. Podemos, sem dúvida, dizer que Peninha foi um grande discípulo de Franklin Cascaes”, conta o coordenador do Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal.



Franklin Cascaes está retratado em painel gigante no Centro de Florianópolis

Valorização do artista manezinho só veio após a morte

O coordenador do NEA, Francisco do Vale Pereira, enfatiza que poucas obras de Franklin Cascaes foram publicadas em vida. “Na época, ele não era muito popular. Toda essa notoriedade que Franklin Cascaes tem hoje, e a importância dele na literatura, surgiu depois de sua morte, em 1983, quando outros pesquisadores e escritores começaram a reunir os trabalhos do Franklin Cascaes. Mais uma vez, reforço a importância do Peninha neste sentido”, frisa Francisco do Vale Pereira. Além da literatura, Franklin Cascaes também se destacou por atuar em universidades. Foi professor de desenho e artes na Escola Técnica Federal, atualmente, IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) e atuou na UFSC, no Museu Universitário.

“Lá, criou a ideia de montar o Presépio de Natal da Praça XV de Novembro — tradição seguida até os dias de hoje — usando produtos da natureza como a piteira, o catuto, a barba de velho a cabaça entre outros”, explica Francisco Pereira.

O estudioso da UFSC finaliza dizendo que Franklin Cascaes foi “essencial por retratar em sua literatura o cotidiano da Capital”. “Franklin ia até as comunidades mais distantes da Ilha de Santa Catarina como Pântano do Sul, Ribeirão da Ilha, Rationes, Muquém, Rio Vermelho, Costa da Lagoa entre outros para buscar e registrar as tradições, heranças, credences e estórias daqueles que faziam a cidade naquele tempo”. “Ele foi um grande registrador que materializou tudo isso”, completa Francisco do Vale.

Melhores lugares para ver o entardecer e o anoitecer na Capital

Nesta semana, uma reportagem do Floripa 350, feita por Luan Vosnhak, Marcelo Feble e produzida por Sarah Castro mostrou lugares de Florianópolis que oferecem um visual diferenciado para quem procura o entardecer e anoitecer poético. Confira no ndmais.com.br/projetos-especiais/floripa-350.

- ▶ Avenida Beira-Mar Norte
- ▶ Praia do Itaguaçu
- ▶ Praia do Sambaqui
- ▶ Morro das Pedras
- ▶ Praia Mole
- ▶ Lagoa da Conceição



Francisco do Vale Pereira, coordenador do NEA, da UFSC



Folclorista Franklin Cascaes gostava de contar os causos

Floripa 350

O projeto Floripa 350 é uma iniciativa do Grupo ND em comemoração ao aniversário de 350 anos de Florianópolis. Ao longo de dez meses, reportagens especiais sobre a cultura, o desenvolvimento e personalidades da cidade serão publicadas e exibidas no jornal ND, no portal ND+ e na NDTV RecordTV.

Notícias do Dia

Carol Castro

Antonio Carlos Mafalda / Transplante de fígado / Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago



JANA MAFALDA/DIVULGAÇÃO/ND

O fotojornalista **Antonio Carlos Mafalda** comemorou na quarta-feira um fato que, definitivamente, revolucionou sua vida nove anos atrás: o transplante de fígado. Ele fez todo o procedimento no Hospital Universitário de Florianópolis, em 22 de junho de 2014. A sobrevivência de Mafalda, que sofria de câncer no fígado e hoje leva vida absolutamente normal, só ocorreu graças a uma doação de órgão. Por isso, aos 74 anos, além de continuar desenvolvendo um criativo trabalho na fotografia, usa as palestras e entrevistas para incentivar a doação de órgãos

Notícias do Dia

Geral

“O legado marcante de empresas que escrevem a história de Florianópolis”

O legado marcante de empresas que escrevem a história de Florianópolis /
Projeto Floripa 350 / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Udesc /
Universidade do Estado de Santa Catarina

O legado marcante de *empresas que escrevem a história* de Florianópolis

A 6ª geração no comando do centenário *Armazém Rita Maria* e a 4ª geração da também *centenária Barbearia Vargas* receberam placas do *Floripa 350*

Mais duas famílias que deixaram importante legado e ajudaram na construção de Florianópolis foram homenageadas, nesta semana, pelo projeto 350 anos do Grupo ND. Neste ano, em função do aniversário de 350 anos da Capital, o Grupo ND, capitaneado pela NDTV, vem entregando placas de reconhecimento a pessoas e que se mostraram relevantes em algum momento da história da cidade nos meios cultural, desportivo, intelectual e econômico.

Os agraciados foram descendentes de Carl Hoepcke, cuja família está na 6ª geração nos negócios na Capital. Receberam a homenagem os irmãos e admi-

nistradores do Armazém Rita Maria e de outros negócios da família, Aderbalzinho, Patrícia e Guilherme Grillo. Outra família homenageada foi a da centenária Barbearia Vargas, que está completando 100 anos em 2023 e está na 4ª geração, hoje administrada por Rafael e Rose Vargas. Nos próximos meses, haverá outras homenagens, dentre elas, o reconhecimento à UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina).



Roberto Bertolin, com Rose e Rafael Vargas, em uma das unidades da tradicional barbearia da Capital

Do Grupo ND, o diretor regional de Florianópolis, Roberto Bertolin, e o presidente, Marcelo Corrêa Petrelli, com os irmãos, Patrícia, Aderbal e Guilherme Grillo, e a gerente comercial Andressa da Rosa Luz

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

24/06/2023

[Amendoim aumenta a libido? Versão em 'chá' é típica de festas juninas](#)

[Balneário Arroio do Silva inaugura Policlínica Municipal e Nova sede da Secretaria de Saúde](#)

[Diálogos Ineu: \(Des\)Ordem e Crise No Sistema Financeiro Internacional](#)

[Empresas brasileiras investem no desenvolvimento e aplicação comercial de nanosatélites](#)

[Especialistas debatem alternativas ecológicas ao saneamento tradicional](#)

[Floripa 350: descendentes de Carl Hoepcke recebem homenagem](#)

[Forno micro-ondas causa câncer?](#)

[Forno micro-ondas causa câncer?](#)

[Imbitubense vira case aos 23 anos e detalha foco empreendedor](#)

[Júri Oficial do FALA São Chico 2023 é formado por time de cinco profissionais](#)

["Lugar menos seguro para se estar", diz engenheiro sobre submarino](#)

["Lugar menos seguro para se estar é dentro de um submarino", diz engenheiro](#)

[Não é só Balneário Camboriú – outras cidades que 'engordaram' suas praias](#)

[Quem foi João Maria, o famoso monge que também passou pela região](#)

[Transformações nas relações com animais desafiam Direito de Família e Ambiental](#)

[Volante ex-São Paulo encontra banana na porta de casa e acusa vizinhos de racismo](#)

[Wellington, jogador do Avaí, acusa vizinhos de prática racista em Florianópolis: "Atacaram minha família"](#)

[Beijo grego: o que é e como fazer com segurança a posição polêmica?](#)

25/06/2023

[Escolha de Zanin: a República precisa parar de piorar](#)

[Rebelião não 'fere de morte' Putin, mas rumo da guerra na Ucrânia é incerto, avaliam especialistas](#)

[Submarino Titan tinha "janelinha minúscula" para visualização, diz engenheiro](#)

[Volante Wellington e sua família sofre racismo em condomínio na cidade de Florianópolis](#)

[Wilmar Dallanhol, agente e testemunha do progresso de Santa Catarina](#)